

A GUERRA REVOLUCIONÁRIA COMUNISTA NO BRASIL

Ten-Cel Art FERDINANDO DE CARVALHO

Oficial de Estado-Maior

A celeridade dos acontecimentos que se sucederam quando se precipitou, a partir de 13 de março, a campanha para o golpe comunista no Brasil, pode inspirar a falsa impressão da inconsistência e despreparo da guerra revolucionária.

É preciso, entretanto, estudar mais detidamente a conjuntura e distinguir, com nitidez, os dois fatores que se entrelaçaram no emaranhado dos interesses demagógicos e das paixões egoísticas: um governo de inépcia e corrupção e uma ofensiva persistente, difusa e penetrante do comunismo internacional. Aliados nos conluíus imediatistas, nem por isso a deposição do primeiro significará a definitiva contenção da última apoiada em bases profundas e invulneráveis às ações de alcance tático.

Este artigo mostrará, em traços muito rápidos, a preparação subversiva que os comunistas montavam em nossa pátria, protegidos e amparados pela ambição de maus brasileiros. Será por isso um esclarecimento e uma advertência para a meditação dos concientes e dos responsáveis.

O QUADRO

O fenômeno da Guerra Revolucionária brasileira não poderia ser bem compreendido, se não atentássemos para sua vinculação nítida à violenta ofensiva que o comunismo internacional desencadeou no continente latino-americano, desde que se conseguiu firmar na Ilha de Cuba. No firme propósito de isolar os Estados Unidos, dessa posição, de extraordinário valor estratégico, permitiu-lhe ampliar as ações que visam ao domínio de uma extensa área, onde uma inquietação crônica, gerada por problemas quase insuperáveis, garante-lhe uma excepcional acessibilidade às argutas formas de uma propaganda experiente. Essa crise tradicional da América Latina, historicamente exacerbada pela exploração colonialista, pela insensibilidade das classes dominantes e pela irresponsabilidade e corrupção dos governos, apóia-se hoje principalmente no agravamento crescente do desequilíbrio entre o explosivo crescimento populacional e a precariedade do sistema econômico-social.

A facilidade com que se propagou a chama revolucionária no Continente explica-se, não apenas pela eficiência dos processos adotados por agentes da comunização, mas, em grande parte, pelo anseio dominante nos povos de libertar-se dessa opressiva contingência e de emergir em uma atmosfera de compreensão e felicidade.

Kruschev, em sua alocução na Conferência de Moscou em novembro de 1960 declarou: "... mais uma frente na luta acesa contra o imperialismo americano foi recentemente aberta: a América Latina". Essa afirmação, denunciadora dos desígnios comunizantes, é confirmada na Declaração Conjunta de todos os representantes dos Partidos Comunistas da América Latina em São José da Costa Rica: "O vasto movimento de solidariedade à revolução cubana, que se verifica na América Latina, é uma demonstração evidente de que a revolução cubana se entrosa com os mais profundos problemas de libertação nacional e social dos povos latino-americanos". A análise dessas asserções evidencia a sutil penetração que o comunismo internacional decidiu intentar na brecha psicológica das angústias de uma população amargurada e esperançosa.

Não existe, hoje em dia, nenhuma nação latino-americana onde a Guerra Revolucionária comunista não esteja presente, sob formas e intensidades as mais diversificadas. Embora não fôsse inicialmente o nosso País o principal objetivo, a ascensão do Sr. João Goulart à Presidência motivou sensível alteração nos planos, passando o Brasil a representar o mais saliente papel na estratégia do expansionismo vermelho na América e, possivelmente, em todo o mundo. Realmente, em nenhum outro país do planeta dispuseram, os promotores comunistas do assalto ao poder, das facilidades que lhes foram proporcionadas pacificamente pelo Governo Goulart. O fato é de um impressionante ineditismo.

AS RAÍZES

Na África e no Sudeste Asiático, a Guerra Revolucionária comunista explorou amplamente o motivo emancipador e nacionalista. No Brasil, o nacionalismo consciente não lhe poderia proporcionar a motivação subversiva exaltante. Ficou bastante claro, desde logo, a inexistência de qualquer incompatibilidade entre o regime político vigente e o legítimo sentimento nacionalista, amparado por tôdas as correntes responsáveis da vida brasileira. Aliás, os próprios comunistas reconhecem o artificialismo do argumento nacionalista como veículo de propaganda comunizante, repelindo-o muitas vêzes: "O nacionalismo abre o caminho para a ideologia marcadamente burguesa e anticomunista". (Informe do Comitê Central do PC — Dez 1961).

A Guerra Revolucionária dispõe, entretanto, de recursos táticos que lhe asseguram uma impressionante capacidade de adaptação às condições locais. Em nosso País, foi no ideal reformista que encontrou a argumentação mais impressiva para o aliciamento individual e a mobilização das massas. Conquanto fôsse uma aspiração generalizada e

reconhecida por tôdas as correntes políticas e sociais, a reforma foi o estandarte que elevaram, procurando porém moldar, na opinião pública, o preconceito de que a ordem democrática era incapaz de proporcionar as soluções desejadas. Não intentavam pròpriamente alcançar tais soluções. Ofereciam-nas indefinidas, confusas e misteriosas, ocultando-lhes as dificuldades inerentes, revestindo-lhes de aparências promissoras. O real objetivo era, todavia, a destrutiva desmoralização do regime democrático e a arregimentação das esperanças populares por novos e radicais empreendimentos.

Os esforços da impregnação psicológica vermelha foram concentrados inicialmente sôbre a reforma agrária. Essa opção é muito sugestiva, tanto mais que o problema de escassez de terras, nos termos em que o procuravam apresentar, esquecendo fatôres muito mais importantes, despertava uma impressão de injustiças sociais de uma generalização e violência que, na realidade, não constitui fato dominante em nossa organização agrícola, conquanto primitiva e desaparelhada.

Devemos recordar que, a partir de certa época, a questão agrária foi levantada com excepcional intensidade, em tôdas as regiões do País, principalmente nas assembléias urbanas, nos seminários de estudantes, nas discussões de individuos que jamais se ausentaram do conforto da cidade, que desconhecem a própria coloração do solo e que apenas viram o arado sulcando a terra em fotografias, na televisão ou nos cinemas.

Os promotores da Guerra Revolucionária decidiram aplicar em nosso País a estereotipagem clássica da doutrina preconizada por Mao Tsé-tung, Vo Niuyen Giap e Ernesto Guevara, unânimes em afirmar que a revolução, nos países subdesenvolvidos, deve marchar do campo para a cidade. É no campo que se inicia a formação das guerrilhas, que se as instruem nas invasões e ocupação de propriedades rurais, como base para a organização das milícias e do exército popular.

O Relatório da CCES da OEA diz textualmente: "Talvez a mais trágica de tôdas as imposturas perpetradas pelos comunistas é a falsa promessa de terra explorando o desejo natural do homem de ser dono do solo que trabalha. Os comunistas prometem que sua revolução tornará realidade êsse sonho". "Seja como fôr, o importante é que os comunistas procuram por todos os meios desviar os trabalhadores agrícolas dos planos construtivos, em elaboração ou execução por meios democráticos, encaminhados a uma reforma agrária equitativa, e envolvê-los num odioso conflito de classes".

No Brasil que, como na maioria dos países latino-americanos, mais de 50% da população acham-se ligados às atividades do trabalho agrícola, de padrões técnicos e sociais bastante atrasados, ofereciam-se grandes possibilidades a uma arregimentação maciça em tôrno de reivindicações demagógicas.

Não era, portanto, a reforma agrária finalidade construtiva da propaganda vermelha. A mobilização em tôrno de uma idéia apaixonante constituía o verdadeiro e disfarçado desígnio.

A sutileza da estratégia comunista, delineada por Mao Tsé-tung, interpretando a orientação que Lênine traçou no II Congresso do Comintern em 1920, e aplicada na China e em Cuba, estabelece que a revolução nos países atrasados não deve ser, em sua primeira fase, uma subversão ostensivamente comunista. Sua direção, entretanto, deve estar nas mãos dos comunistas. Diz Eudócio Ravines: "A experiência cubana impôs o cabal triunfo dessa tese de Mao, a respeito das revoluções nacionais e democráticas-burguesas na América Latina. Os partidos comunistas não são necessários como vanguarda da insurreição. Bastará que permaneçam amplamente infiltrados nas posições-chaves e que se limitem a desempenhar o papel de Estados-Maiores, ao abrigo dos fogos da artilharia, esperando a conquista realizada por outros, para transformá-la em presa fácil da vitória comunista". Os comunistas são, como diz o estrategista americano Strauz-Hupé, os grandes mestres no aproveitamento das revoluções iniciadas por outros. Infiltrados nos órgãos de direção, insuflam os movimentos, economizando suas forças, sua preciosa reserva de liderança, para a oportunidade em que a confusão e o desgaste lhes permitam empolgar definitivamente o poder.

A observação desse princípio tradicional permite compreender a importância dos Goulart e dos Brizola no sistema de lideranças subversivas.

A divergência simplesmente formal, entre as linhas da violência e da conquista pacífica, preconizadas por Pequim e Moscou, e aqui adotadas por Julião e Prestes, ocasionou discrepâncias evidentes a respeito da urgência do desencadeamento da fase ativa da guerra. Não afetou porém a subsistência da propaganda ou a essência de seus reais objetivos. Havia representantes de tôdas as correntes do Comunismo Internacional, enquistados no Governo de João Goulart que se avocava a pretensão ilusória de uma liderança paternalista. Jamais se poderá, destarte, revolver o monturo de iniquidades acumuladas em tão pouco tempo, para trazer à luz as raízes da conspiração vermelha em nosso País, sem nos intrigarmos diante das razões que teriam conduzido esse abastado estancieiro à fatídica aventura do radicalismo esquerdista. Os fatos remontam a decênios, enredam-se numa intrincada ramificação de vícios políticos, de corrupção, de pusilanimidades que se espraiaram largamente, em tôdos os setores da nacionalidade.

Uma das mais nocivas conseqüências desse estado foi a vertiginosa deterioração do sistema econômico brasileiro, carcomido por uma infração sem precedentes e pelo empreendimento de obras ciclópicas e suntuárias. A busca pouco frutífera da ajuda norte-americana e a procura febril de novos mercados acarretaram, como contrapartida ostensiva, uma política externa dita independente, mas, na realidade, "superdependente" porque, além de criar novas e desnecessárias dependências, colocava nosso País em posição ambígua em relação ao Mundo Livre, cujas desconfianças se avolumavam, em detrimento de nossos reais interesses. As resistências que se opuseram à posse de João Goulart, os compromissos que envolviam o traçado, a um tempo rápido e escuso, de

sua trajetória política, marcada pela demagogia e pelas transações equívocas, a fluidez da situação política e econômica, e o agravamento das tensões sociais, excitadas premeditadamente, só poderiam emprestar a seu Governo as condições de debilidade que, aliadas a uma inépcia latente, o incapacitaram diante do vulfo dos empreendimentos que o país reclamava. A dubiedade de sua política vacilante custou-lhe ataques de tôdas as direções. E, ainda mais, piorou-lhe a posição instável, condenada por tôdas as leis da estática política, as falhas de percepção da conjuntura real que não lhe permitia a análise baseada nas informações manipuladas pelo grupo suspeito de que se cercara.

Foi neste solo contaminado que desenvolveram as raízes da Guerra Revolucionária, com o vigor temível de uma flora parasitária e asfixiante.

AS CARACTERÍSTICAS

A escassez de autoridade e a instabilidade do Governo Goulart proporcionaram ao processo da Guerra Revolucionária brasileira características originais e desconcertantes.

Em primeiro plano observamos sua forma altamente ostensiva. A ação aliciadora e infiltrante que sempre se revestiu, em todos os países, de uma severa clandestinidade, passou a ser executada abertamente, à luz do sol, sob as vistas das autoridades displicentes ou acanhadas, utilizando recursos públicos e oficiais, com a desenvoltura e o destemor das práticas legítimas. Órgãos ilegais de mobilização de massas e de comando paralelo, como o famigerado Comando Geral dos Trabalhadores, o Pacto de Unidade e Ação, os Comandos de Greve e outros, passaram a operar acintosamente, ora negociando com o Governo, ora ameaçando-o, intementes e arrogantes, acenando ou mesmo empreendendo a violência impune, as greves descabidas, a intimidação absurda e o desafio da força. A defesa da ordem democrática, o apêlo à lei e a à justiça passaram a ser acimados de atividades subversivas. A aspiração transformou-se em conspiração.

A ausência de clandestinidade do processo comunizante proporcionou-lhe extraordinária eficiência. Dentro de pouco tempo, além dos órgãos tradicionalmente vinculados à linha vermelha, com a maioria dos sindicatos de classe, passaram os comunistas a exercer o controle de todos os setores fundamentais da vida nacional, onde elementos ativistas ou simpatizantes exerciam os postos principais. Estavam assim em suas mãos: as Casas Civil e Militar da Presidência da República, todos os órgãos de direção e execução dos transportes rodoviários, ferroviários, marítimos e aéreos nacionais, a Petrobrás, toda a rede nacional de comunicações e telecomunicações, todos os setores de empreendimentos que manobravam grandes recursos humanos e financeiros como a SUDENE, a SUPRA, os grandes bancos e órgãos de controle econômico-financeiro. Através das organizações estudantis e de elementos influentes no Ministério da Educação e nas universidades controlavam todo o ensino no País.

A segunda característica do processo revolucionário no Governo Goulart foi a sua intensidade e generalização. A famosa política da mancha de azeite transmutou-se em política de saturação. É bem possível que a convicção de não conseguir jamais condições tão propícias para a expansão subversiva, como as que tinham ao alcance das mãos nessa fase histórica, tenha induzido os orientadores da Guerra Revolucionária à precipitação imediata de seu desfecho, sem ter obtido mesmo o integral amadurecimento da preparação, seguindo a conduta preconizada por Guevara, para o qual o próprio desencadeamento da subversão gera as condições de sua conflagração.

Quem analisa a sucessão dos acontecimentos nacionais, particularmente na fase pouco anterior ao episódio da deposição de Goulart, fica impressionado diante do conjunto de crises constantes, provocadas pelos comunistas. Não se pode atribuir a êsses hábeis calculistas uma avaliação falha das próprias forças para justificar-lhes a precipitação inconseqüente. Na realidade, dispunham êles de meios poderosos e julgaram, como seria de esperar logicamente, que a rapidez de decisão lhes proporcionaria a energia cinética suficiente, conduzindo o Comunismo Internacional a um dos mais expressivos sucessos de todos os tempos: o domínio pacífico de um dos maiores países do mundo.

A terceira característica foi a tentativa de marginalização preconcebida das Forças Armadas, elementos considerados pelos comunistas como inaproveitáveis para os objetivos da subversão.

Constatada a precariedade da infiltração na oficialidade das Forças Armadas, cuja impermeabilidade à doutrinação ideológica é quase total, concluíram os comunistas que a única solução seria seu enfraquecimento e sua destruição. Essa é aliás a fórmula recomendada pela maioria dos teóricos vermelhos, consubstanciada na asserção de Bujarin: "O exército que marcha às ordens dos generais e da buguersia tem de ser destruído, pois, do contrário será a morte da revolução". Diz ainda Bujarin: "Como a força do Estado burguês reside no Exército, para poder aniquilar a burguesia é necessário minar e destruir o Exército".

O enfraquecimento das Forças Armadas foi tentado através de variados processos, entre os quais salientaram-se os seguintes:

- Aliciamento de elementos dos quadros de praças, a fim de enfraquecer a autoridade dos oficiais, minar a hierarquia e a disciplina. Esse aliciamento era efetuado na base da propaganda e da concessão direta de vantagens;
- Debilitação do espírito militar pelo emprêgo das Forças Armadas em missões secundárias e, em geral, incompatíveis com as características e o equipamento das organizações militares, como proteção de organização, comícios comunistas, personalidades políticas, etc.;
- Nomeação de comandos incompetentes e desmoralizados;
- Promoções inadequadas, preterindo a competência profissional e os valores morais;

- Remuneração deficiente;
- Empreendimento de campanha de desmoralização movidas por certos órgãos da imprensa, sob os pretextos mais diversos;
- Insuflamento de civis contra militares, valendo-se, sobretudo, de problemas salariais;
- Caracterização de um suposto militarismo, retrógrado e totalitário.

Essa campanha, incentivada pela transigência e tolerância de alguns militares ambiciosos, teve extraordinária repercussão, a ponto de provocar um sentimento geral de frustração e de incapacidade de recuperação do organismo militar, profundamente abalado e deprimido. O moral da oficialidade ressentiu-se pelos constantes atentados contra os valores e os padrões tradicionais, decantados em nossa História Militar repleta de personalidades insignes e de gloriosos feitos. O valor operativo decadente de nossas Forças Armadas passou a ser desafiado por ostensivas atividades de comandos sindicais, milícias comunistas, como CGT e as Ligas Camponesas, que se atribuíam a capacidade imobilizar as unidades militares, assaltar e pilhar os quartéis, aterrorizar a população civil e conduzir, a seu talante, os acontecimentos nacionais.

Ainda agora, meses depois da Revolução, quando o comunismo ainda nem bem se ergueu do chão de sua grande derrota, retorna ao mesmo objetivo de enfraquecimento das Forças Armadas, e é fácil identificar-lhe a presença nas campanhas sistemáticas de certos jornais e articulistas.

A AÇÃO

Esboçados os fundamentos e as peculiaridades da Guerra Revolucionária no Brasil, cumpre agora lembrar suas principais atividades preparatórias, manifestadas em todos os campos da vida nacional.

No **campo político**, o processo comunizante realizou-se principalmente através das seguintes ações:

- Infiltração de comunistas em todos os partidos políticos;
- Formação de frentes populares e superpartidárias, com os pretextos mais variados, para combalir o sistema partidário e mobilizar as forças comunistas e simpatizantes;
- Desmoralização dos líderes políticos considerados como reacionários e prejudiciais à comunização do País;
- Infiltração comunista nos órgãos do Governo, na Justiça, em todos os setores e em todos os escalões;
- Infiltração em todos os ministérios civis, órgãos de segurança pública e organismos administrativos.

A legalização do Partido Comunista não era considerada como indispensável, pois o Partido funcionava francamente, mesmo na ilegalidade. Foram os próprios simpatizantes e negociatas, de partidos democráticos, que se apressaram, em determinada ocasião, a oferecer tal legalização, para agradar o Governo e trocar naturalmente vantagens políticas ou econômicas.

Uma preocupação constante do comunismo brasileiro era a desmoralização do Congresso nacional, tachado constantemente de parasitário e improdutivo. Várias tentativas foram feitas para criar uma situação que redundasse no fechamento do Parlamento nacional.

A Constituição foi tachada, até nas palavras do Presidente da República, de reacionária, superada e antipopular (Comício de Vitória a 31 Out 63). A reforma constitucional era preconizada como o imperativo de uma nova ordem

No **campo econômico**, os comunistas agiam em dois sentidos. Visando a enfraquecer o sistema vigente, procuravam desmoralizar os investimentos estrangeiros, provocavam e incentivavam greves quase diárias, apoiadas em uma organização de piquêtes, cada vez mais fortalecida e adestrada. Os movimentos paredistas, aliados à resistência passiva e à sabotagem, acarretavam conseqüências profundas como a insegurança, os prejuízos vultosos, o descrédito internacional, a improdutividade e a fuga dos capitais, o aumento do custo de vida. Além disso, infiltrados nas grandes empresas estatais e nos órgãos de controle econômico, os comunistas protegiam seus interesses, premiavam seus aliados, corrompiam personalidades e manipulavam imensos recursos financeiros. A Petrobrás, o Lóide Brasileiro, o SAPS, a Fábrica Nacional de Motores e outras empresas tornaram-se mananciais fornecedores de verbas para a propaganda, a agitação, a manutenção de entidades comunistas e o assalariamento de agitadores

No **campo social**, a ação comunista, livre e franca, intensificou suas tradicionais atividades. Ao mesmo tempo em que procurava desmoralizar as iniciativas democráticas, como a Aliança para o Progresso, incentivava a violação da liberdade e do direito privado. Infiltrada inclusive no setor intelectual e no religioso, explorava os sentimentos humanitários do povo brasileiro, clamando contra desigualdades sociais e contra a suposta iniquidade do sistema atual. Em todas as faculdades realizavam-se trabalhos visando ao intenso proselitismo.

No setor do ensino, é surpreendente a ação exercida pelos comunistas. No Ministério da Educação funcionavam verdadeiros centros de comunização, inspirados na doutrina formulada pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e desseminalada por numerosos organismos controlados por comunistas, como a Divisão de Educação Extra-Escolar, a Campanha de Assistência ao Estudante, o Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, o Movimento de Campanha Nacional de Alfabetização e outros.

Em informe sobre trabalho de cultura popular, datado de 7 de novembro de 1963, os membros da fração do Centro Popular de Cultura da Faculdade Nacional de Filosofia confessam sem qualquer cerimônia: "Com o desenvolvimento de nossas atividades, o CPC demonstrou ser uma forma válida de organização de massa bem como do recrutamento. Portanto, nós, comunistas, sabendo que não podemos partir para um trabalho prático sem nos organizarmos, criamos a fração do

CPC. Infelizmente, esta fração só existia de fato, não conseguiu deixar de ser apenas uma segunda direção dentro do CPC, pois não tinha perspectiva do trabalho que devia realizar como fração do partido numa organização cultural. Isto é: não tinha uma perspectiva política de cultura popular e não podia por isso organizar e muito menos atuar. Acreditamos que estes problemas teriam sido superados se os companheiros da fração e do resto da base encarassem o trabalho de cultura popular com o espírito crítico e seriedade exigidos num verdadeiro comunista". E mais: "Queremos deixar clara a denúncia desta atitude não marxista-leninista em nossas fileiras, e conclamar os companheiros a combatê-la com mais uma das atitudes liquidacionistas que devem ser banidas do nosso partido. Companheiro, já é tempo de voltarmos nossa atenção para esta forma de luta de classe — a forma teórica. Além da luta econômica e da luta política, há que se desenvolver um trabalho revolucionário no campo da cultura, através de todos os instrumentos de que dispomos".

Esses órgãos eram coordenados com os sindicatos e com os centros estudantis, como a UNE, a UBES, a UPES, a UFE e UEESP. A esses centros e grêmios de estudantes eram distribuídas grandes verbas, em parcelas proporcionais ao grau de comunização observado em cada um deles.

Simultaneamente, o Ministério da Educação subvencionava campanhas como a da Imprensa Estudantil, Seminários, Congressos e Cursos, os quais, na realidade, eram apenas instrumentos de disseminação de propaganda ideológica.

A Rádio Ministério da Educação (Rádio da Verdade) era amplamente utilizada na difusão de propaganda comunista. Entre as publicações comunistas, impressas com recursos oficiais e fartamente distribuídas, incluem-se uma famosa cartilha, verdadeiro catecismo vermelho. Estava também sendo editada uma História do Brasil (História Nova), na qual os fatos eram distorcidos e interpretados segundo o prisma ideológico marxista-leninista.

Em nenhum país democrático, a propaganda insidiosa dos comunistas, contra a mocidade, através da deturpação do ensino, se fez sentir de modo tão profundo e eficiente. Contava para isso com meios inumeráveis que o Governo lhe proporcionava e, ao abrigo das liberdades democráticas, com o dinheiro do povo, conspirava para a supressão dessas mesmas liberdades.

A imprensa era outro terreno de intensa propaganda comunista. Poucos jornais se mantiveram com a sua fisionomia democrática inalterada, em todos esse período de coação ideológica. Havia estações de rádio, como a Mayrink Veiga, que consagravam todos os seus programas, de madrugada a madrugada, às atividades de propaganda subversiva. As transmissoras democráticas de rádio e televisão estavam sujeitas a severíssima censura.

No campo militar, como já acentuamos, enquanto procuravam enfraquecer as Forças Armadas, os comunistas estabeleciam uma organi-

zação guerrilheira, baseada na zona rural, nas Ligas Camponesas, e, na zona urbana, na milícia constituída pelos denominados **Grupos dos Onze**, ambas com a finalidade de mobilizar meios para enfrentar e substituir as forças regulares. Armavam-se sindicatos e grupos de operários, como grupos de choque. Declarava-se freqüentemente que à eclosão do conflito, os quartéis e arsenais, controlados pelas praças, abririam suas portas, para armar e municiar os populares insurgentes.

As Fôrças Armadas eram constantemente utilizadas, de forma ilegal, para a proteção de sindicatos e de piquêtes grevistas. Aviões militares do CAN eram utilizados para transportar líderes e participantes de congressos comunistas. A pretexto da proteção de próprios federais, reuniões e ajuntamentos comunistas eram guardados contra a ação policial, por soldados de nossas briosas Fôrças Armadas, convertidos criminosamente em protetores da agitação e da desordem.

Nesse conjunto de ações que sumariamos, em todos os campos de atividades, evidenciou-se um fator comum e generalizado; a corrupção; não se pode afirmar que essa prática nefanda se apoie na maquiavélica recomendação de Lênine: "... corromperemos de tal sorte os nossos inimigos, que seus exércitos não terão mais valor". A corrupção brasileira não foi inventada pelos comunistas, mas éstes a utilizaram, e de tal modo se envolveram nela que dificilmente poderemos separá-la do aglomerado das atividades subversivas. Os comunistas no Brasil não foram apenas corruptores, mas também corruptos. Vários de seus líderes se transformaram em súbitos milionários e senhores de propriedades valiosas.

OS ERROS E AS OMISSÕES

É possível que um analista distante e imparcial que estude a crônica da Guerra Revolucionária em nosso País fique surpreso ao verificar até que ponto a ordem democrática ficou ameaçada de extinção, sem que, à exceção de manifestações isoladas, houvesse uma reação substancial.

O sentimento nacional estava tolhido por uma forma de anestesia paralisante, talvez uma perplexidade oriunda da surpresa e da amargura, como se tivesse sido submetido a uma despersonalização surpreendente.

Os chefes militares, dominados pelo tradicional espírito da disciplina, recusavam-se a intervir preventivamente para deter o processo reconhecido e identificado. Ouviam estarrecidos os promotores da comunização, nas estações de rádio e de televisão, pregando a indisciplina e a subversão, ridicularizando a hierarquia e as tradições.

Quando o Deputado Bilac Pinto assomou à tribuna da Câmara dos Deputados para denunciar a Guerra Revolucionária em curso no Brasil, não faltaram vozes que lhe procuraram ridicularizar o intento patriótico.

E, todavia, o processo subversivo comunista já se encontrava no final de sua etapa preparatória e, no horizonte nacional, se adensava a borrasca próxima.

Quanto nos poderia ter custado êsse rosário de omissões?

Se penetrarmos no campo adversário, examinando-lhes os tenebrosos propósitos comunistas, ressaltar-nos-ão dois erros fundamentais, cometidos talvez na descuidada ânsia de atingir um objetivo que lhe parecia tão próximo.

O primeiro foi o desprezo pelo espírito militar tradicional de nossas Fôrças Armadas, feridas profundamente por duas subversões sucessivas: a dos sargentos de Brasília e a dos marinheiros no Rio. Em ambas, a autoridade do Govêrno demonstrou-se débil, condescendente e comprometida. Ao mesmo tempo, prestigiava e acatava a ilegalidade dos comandos sindicais que fomentavam a agitação e a indisciplina.

O segundo erro foi a tentativa de emprobecimento material e rebaixamento moral da classe média. Enquanto eram atendidas, com incrível brevidade, as reivindicações, por vêzes apenas esboçadas, das demais classes, a classe média brasileira era submetida a um processo corrosivo de extinção.

Êsses dois erros táticos foram fatais no insucesso comunista.

Ao lado dêsses enganos que a fortuna proporcionou à democracia brasileira, ressentiu-se, a causa comunista, da falta de líderes autênticos, de personalidades indiscutíveis e intocáveis de chefes incorruptos, voluntariosos e disposto à luta. Os orientadores da guerra revolucionária no Brasil apresentavam à opinião pública biografias tortuosas e suspeitas, povoadas pela desonestidade e pela malícia que lhe contraditavam a pregação desacreditada.

O PLANO

Embora a Guerra Revolucionária obedecesse a instruções provenientes de Moscou e transmitidas com freqüência, aos líderes comunistas nacionais, não parece que tenha havido a constituição de um comando centralizado. É mesmo normal, na fase preparatória, a inexistência dêsse comando geral, sujeito a uma destruição que poderia comprometer todo o movimento. Dentro da mais rigorosa técnica comunista, o movimento subversivo dever-se-ia deflagrar, com a imposição de uma situação insustentável, motivada pela insolvência de um problema crítico, implantar-se-ia uma ditadura, possivelmente chefiada por João Goulart e apoiada em um dispositivo militar e nas milícias operárias e camponesas mobilizadas. Êsse govêrno, de transição, empreenderia a depuração particularmente nas Fôrças Armadas, implantaria a ordem socialista, com a adoção das medidas econômicas e políticas correlatas.

2ª fase consistiria na comunização integral, com o possível afastamento dos detentores iniciais do poder e a satelização do Brasil na órbita

dos países filiados ao comunismo internacional. Brasil, Rússia e China formariam a mais poderosa aliança de todo o planêta, isolando os Estados Unidos e a Europa Ocidental.

A intensificação das ações preparatórias, a partir do célebre Comício da Central do Brasil, indicou a iminência do golpe de Estado que, segundo se presume, deveria ser empreendido em tórno da data de 1 de maio.

Em vários Estados, particularmente no Nordeste, ultimavam-se os preparativos para o movimento. O discurso presidencial na homenagem dos sargentos no Automóvel Clube revelou que a decisão final já havia sido tomada.

Tão grande era a confiança nas forças disponíveis que o Sr. João Goulart persistiu, durante muito tempo na idéia de esmagar o movimento democrático, quando as tropas de Minas Gerais e de São Paulo já convergiam, celeremente sôbre o Rio de Janeiro, e, no Nordeste, o IV Exército dominava completamente a situação.

CONCLUSÃO

Não há dúvida de que a revolução democrática de 31 de março consagrou uma das maiores vitórias que o Mundo Livre obteve contra a guerra fria e o comunismo internacional. Só uma injustificável e obtusa falha de percepção impedirá que êsse fato histórico marcante sirva de base a uma ofensiva política contra o expansionismo sino-soviético.

O fenômeno da Guerra Revolucionária é, porém, tão profundo, total e generalizado que a reação democrática brasileira não poderá, na contenção do perigo comunista em nossa Pátria, limitar-se à deposição de um govêrno comprometido que, em pouco mais de dois anos, agravou, de forma inaudita, a situação nacional, em todos os setores de atividade.

Sentimos que a Revolução Democrática terá que firmar-se neste País através de uma tarefa de reconstrução. Terá que consolidar-se pela restauração do clima de segurança, de prestígio internacional, e pela solução consentânea dos graves problemas econômicos e sociais.

Temos, diante de nós, uma obra imensa por encetar e a exigir o esforço conjunto de todos os brasileiros. E certamente a empreenderemos sob a luz radiosa da liberdade e da democracia.

